

BARRACA DE MINEIROS NA CALIFORNIA.

Reproduzimos a vista d'uma barraca de mineiros. Estas habitações são construídas de diversos materiaes, sendo a que representa a nossa estampa de troncos d'arvore, e bastante vasta para a familia de cinco ou seis associados. De dia, salvo caso de doença, os mineiros estão ausentes, e estas cabanas, apenas fechadas com um gancho, são, diz-se, um santuario para os estrangeiros, e ninguem (bem entendido que só se falla da gente de bem) se atreveria a penetrar ahi quando os locatarios estão ausentes.

RELAÇÃO DA DOENÇA E MORTE DE D. PEDRO II.

(EXTRAÍDO DE UM MANUSCRITO.)

Estava el-rei na quinta de Paulo de Carvalho para onde se mudara da de Alcantara, por algumas obras que n'ella se faziam.

Domingo 5 de Dezembro (1706) veiu el-rei pela manhã á tribuna da capella de Lisboa a ouvir missa, e o sermão do advento, e se recolheu para Alcantara alguma coisa quebrantado; de tarde lhe sobreveiu grande febre, com uma somnolencia invencivel, não bastando para o acordar ventosas, e outros remedios que se julgaram convenientes. Conheceram os medicos a grande debilidade da cabeça, e a força com que o achaque o accommettia, e fizeram-lhe alguns remedios: e sangrado até quatro vezes, e vendo que se ia prostrando cada vez mais lhes pareceu devia commungar por viatico, o que o padre

confessor Sebastião de Magalhães lhe communicou: el-rei com animo pio, e constante quiz logo receber o Santissimo Sacramento, e lh'o administrou o capellão-mór Nuno da Cunha na terça-feira; na quarta-feira passou mal a noite, por causa de uma pontada que lhe sobreveiu da banda esquerda, que os medicos capitularam por um pleuriz legitimo.

Sangrou-se no braço, e pelas oito horas quiz sua magestade a extrema unção: e o ungiu o capellão-mór. Depois de passado algum tempo chamou el-rei ao principe, e aos infantes: ao principe disse que governasse estes reinos em que succedia com a benção de Deus, e a sua, que tivesse grande cuidado de seus irmãos, consolando-os sempre com o seu amor e amizade, fazendo-lhes a mercê e honra que devia como seu irmão, e como seu rei. Aos infantes, disse que amassem ao principe, que lhe tivessem o devido respeito, e que lhe obedecessem: e que d'esta maneira teriam a benção de Deus, e a sua: com o infante D. Manuel se enterneceu alguma coisa.

Depois do principe, e infantes sairem para fora, chamou o duque de Cadaval D. Nuno, e lhe disse que por estes motivos e por outros muitos lhe encommendava assistisse a seus filhos e servisse o principe com as largas experiencias que tinha das coisas do reino, e que lhe encommendava muito favorecesse os seus criados com tudo aquillo que elles necessitassem do seu favor. O duque lhe deu as graças pela mercê que lhe fazia honrando-o com tanta abundancia, merecida porém pelo grande amor com que sem-

JULHO, 10, 1858.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

pre assistira a sua magestade, ao qual trouxe-ra ao collo, e servira como devia, e pediam as suas obrigações: e que em tudo o mais obedeceria a sua magestade como lhe mandava: que quereria Deus dar-lhe saude para que creasse suas altezas e amparasse aos seus criados. Fallou tambem ao duque D. Jayme seu genro, e beijando-lhe a mão o abraçou com grande estimação, encommendando-lhe que consolasse muito a senhora D. Luiza, a quem primeiro que a suas altezas havia fallado. Ao conde de Vian-na, ao marquez de Marialva e Alegrete agradeceu o grande amor, zelo, e cuidado com que o haviam assistido em todo o tempo que o serviram.

Assistia a el-rei o seu confessor, e alguns religiosos lettrados, e de boa vida. Fez aviso ao cardeal nuncio monseignor Conti para que viesse dar a absolvição a sua magestade e chegou ás onze horas da noite, e deu a benção; e sua magestade honrou muito ao cardeal, e lh'o agradeceu muito, como na occasião passada.

Na quinta-feira 9 do dito mez á uma hora e meia do dia, entre muitos religiosos com grande piedade, e com um tal conhecimento da morte e desengano da vida, passou el-rei d'este mundo para o outro.

O corpo foi embalsamado e n'esta operação se achou a região vital inficionada com varios achagues; e no fel se acharam trinta e cinco pedras da feição de dados, maiores e menores; no cerebro tinha algum sangue, e todas estas partes estavam mortificadas, e depois de composto e vestido, sobre elle se lhe vestiu o habito de S. Francisco.

Posto o corpo no caixão, sobre a eça, o reposteiro-mór Manuel de Vasconcellos o cobriu, e poz no primeiro degrau em um prato doirado a corôa e o sceptro; e o mesmo tirou quando levaram o corpo. No caixão pegaram os duques D. Jayme, e o duque D. Nuno: o marquez de Marialva, o de Cascaes e de Alegrete, o conde de Castanheira, o de Val de Reis, o conde de Vianna, e D. Francisco de Sousa, todos do conselho de estado: abriu a liteira o estribeiro-mór, e lhe lançou o panno o reposteiro-mór. O principe e infantes lhe foram deitar agua benta, e ficaram no mesmo logar enquanto se tirou o corpo, que foram acompanhando detraz do caixão descobertos: e tanto que a liteira andou, feita mesura voltaram para cima, acompanhados dos vedores da casa e da rainha.

Diante do caixão ia o mordomo-mór, da banda direita o duque D. Jayme, e da esquerda o duque D. Nuno: ia a capella a cavallô com cruz e os titulos de uma banda: da mesma maneira que se praticou nos mais enterros reaes, ia á ilharga do macho da liteira o estribeiro-mór. Seguiase o coche de respeito; diante d'elle e dentro da liteira o conde de Pombeiro, capitão da guarda, detraz do coche de respeito iam os tenentes da guarda a cavallô, e o estribeiro Antonio Rabello, que fazia este officio.

No adro de S. Vicente tornaram os conselheiros de estado a pegar no caixão, e posto o caixão no esquife da Misericórdia, os officiaes de canaquebraram as insignias, e levando-o os irmãos da Misericórdia, se poz o corpo na eça que estava no cruzeiro, e o capellão-mór fez pontifical, e o primeiro responso com a capella, o segundo os religiosos, e o terceiro a Misericórdia.

Sobre o caixão depois se poz um missal, que trouxe o prior de casa, e com as mãos sobre elle disse o conde de Santa Cruz, mordomo-mór: «Juro aos Santos Evangelhos que n'este caixão está o corpo do muito alto e poderoso rei D. Pedro segundo meu senhor, porque eu o vi metter n'elle: e V. P. dará conta do dito corpo ou de seus ossos a seus successores, e lhe entrego as chaves do caixão.» O prior jurou n'o mesmo missal aos Santos Evangelhos de assim o cumprir.

Tornaram os conselheiros d'estado a pegar no caixão e o collocaram na eça de tres degraus dentro de outro caixão maior que estava sobre ella: fez o secretario d'estado o termo da entrega, que assignaram os conselheiros d'estado, e o mordomo-mór, e cobriu o reposteiro-mór o caixão com o panno.

Era el-rei de grande corpo, grosso, muito forcoso: tinha olhos negros: não era branco, mas de boa cor de rosto: era airoso e desembaraçado em todas as acções: a constituição melancolica e adusta: foi grande homem de cavallo, jogou as armas com grande perfeição, e destreza, e teve grande piedade: era muito colerico, estimava os que lhe fallavam á vontade, e por esta razão buscava homens de baixa condição e com quem se aconselhava, com escandalo geral não só da sua córte, mas das alheias. Foi muito infeliz na escolha dos homens, e não amou n'elles a virtude. A sua morte foi pouco sentida, ainda que distribuiu com larga mão pelos vassallos honras e mercês, não negando nunca aos seus vassallos a sua real presença porque sempre que o buscavam lhes fallava, ainda que estivesse na mesa, d'onde muitas vezes se levantava para os ouvir.

Depois da deposição d'elrei D. Affonso, governou como regente quinze annos, nove mezes, e vinte e tres dias: depois da morte de seu irmão, como rei vinte e tres annos. Falleceu de cincoenta e nove annos, sete mezes, e treze dias.

FONTE DA PORTA DE FLORENÇA EM ROMA.

A Roma de hoje é notavel, além de ser o centro da verdadeira religião, pelos preciosos restos do seu antigo esplendor, como os banhos, os obeliscos, os amphitheatros, os circos, as columnas, os mausoleos, os arcos triumphaes, e innumeradas estatuas, e assim tambem pelas suas modernas construcções, como a egreja de S. Pe-

dro, o mais bello edificio construido por mãos humanas; a de S. João de Latrão; a de Santa Maria Maior, S. Pedro, o Vaticano, a sua bibliotheca, o hospital do Espirito Santo, o palacio do Monte Cavallo, o collegio da Sapiencia, grande numero de fontes etc.

Enumerar n'um simples artigo todas as bellezas de arte que encerra não seria trabalho facil. Bastará dizer que todas as pedras dos seus monumentos recordam nomes de grandes artistas, e que a cidade se não visita sem um sentimento de admiração pelo genio inventivo e creador do homem.

Não faltarão occasiões em que apresentemos desenhos d'alguns dos seus edificios; no nosso n.º 27 demos a vista da fonte da porta chamada de Florença, por ser a que abre sobre a estrada que se dirige á celebre capital da Toscana. A sua elegancia é notavel, e faz d'ella tambem uma das bellezas que Roma encerra.

O COCHE DA COROA.

O nosso desenho representa fielmente um coche dos que serviram no consorcio real — o chamado da corôa. É escusado fazer a descripção d'elle, porque, além de ter sido visto diferentes vezes por occasião das grandes festas nacionaes, pode ser examinado de perto, por que não se nega a entrada no deposito a quem tiver esse desejo.

Reproduziremos egualmente a melhor parte dos que servem em semelhantes occasiões; e fazemos-o em elogio á arte, e por amor ás nossas coisas.

QUEM O ALHEIO VESTE, NA PRAÇA O DESPE.

Continuação.

VI

Passou-se uma semana sem o mensageiro voltar.

— É preciso, disse Maria ao piloto, ires em fim procural-o a Terça Nabal.

— Não ha outro remedio, replicou elle, senão ir até lá. Tão alvoroçado fiquei com a sua inesperada visita, que nem me lembrou perguntar-lhe o nome.

— Tambem, como é do sequito do senhor infante, não será muito difficil dar com elle em palacio.

João d'Amores correu a Terça Nabal.

Aproximando-se ouviu repiques de sinos, e estrondo de descargas.

Era que el-rei D. João I, e sua real consorte, a duquesa de Lancastre, chegavam de Lisboa a visitar o infante D. Henrique, e se dirigiam

para o palacio, acompanhados de numerosa comitiva e de uma escolta de archeiros.

O piloto rompeu pela multidão que se apinhava na passagem do cortejo, e procurou com olhos anciosos o seu homem, que descobriu junto á pessoa d'el-rei, montado em magnifico palafrem.

A uma das pessoas que concorreram a ver passar a cavalgada, perguntou pelo nome do cavalleiro, que levava gorra com pluma encarnada, e tinha sobre o peito a cruz da ordem de Christo.

— É novo na côrte, respondeu o interpellado. Chama-se Nunes de Alvadro. Serviu em mariuha na expedição de Ceuta; e parece em grande favor de alguns dias para cá, sem que ninguem saiba explicar o motivo do distincto acolhimento com que é recebido em palacio.

O cortejo desfilou; romperam-se as duas alas dos espectadores, e a multidão precipitou-se no pátio de Terça Nabal.

Involvido no turbilhão do povo, o piloto penetrou por entre os guardas, e aproximou-se de Nunes quando se apeava do cavallo.

Agarrando-lhe no braço, bradou-lhe:

— Senhor! e a minha petição?

Nunes voltou-se enfadado; e o rosto cobriu-se-lhe de mortal pallidez.

— Perdoae se vos importuno, continuou João d'Amores, mas havieis-me promettido a resposta dentro em tres dias, e debalde vos esperei até hoje.

— E comtudo não me esqueci, replicou Nunes, recompondo-se d'aquella perturbação. O senhor infante já tem conhecimento do vosso negocio; e espero que não finde o dia de hoje sem que vos falle.

— Como heide haver-me para lhe fallar? O povo será admittido, segundo o uso, nas salas á hora do jantar? Esperarei por essa occasião, ou deverei ir já comvosco?

— Vinde; respondeu-lhe Nunes, tomando uma repentina resolução.

E subindo ambos alguns degraus, entraram n'um vasto corredor, e penetraram n'um quarto de que Nunes tinha a chave.

— Eis o quarto que occupo em Terça Nabal. Esperae aqui que vos mande chamar. Ahi tendes livros com que podereis entreter-vos, dando mate á impaciencia da espera.

— Muito vos agradeço, senhor; bem como haverdes empregado o vosso credito em meu favor.

— Pouco fiz, senhor João d'Amores; que nem vale a pena fallar em tal. Agora me lembro, que vindes de jornada, e precisareis d'algum refresco. Immediatamente vos envio o meu criado.

Nunes d'Alvadro saiu, deixando João d'Amores entretido na leitura de um manuscripto.

VII.

O fidalgo dirigiu-se ás cavalhariças do pala-

cio, e ahí encontrou um moiro d'Africa, que lhe tocara em partilha na tomada de Ceuta.

— Ben Hamed, lhe disse, terás a liberdade, e grosso cabedal se executares as minhas ordens.

O moiro deu um grito de alegria.

— Está lá em cima, no meu quarto, um homem de quem preciso desfazer-me.

— Amo! dae cá a vossa espada.

— Não por esse meio; que seus gritos seriam ouvidos, e o corpo apresentaria vestígios de violência. É necessario que se attribua a sua morte a um accidente ou suicidio. Quero portanto livrar-me d'elle sem arruido, nem risco. Levar-lhe-has alguma comida e vinho, e n'este lançarás estes pós, que são um forte narcotico, a que não poderá resistir. Ao cabo de uma hora estará adormecido profundamente, e poderás lançal-o pelas janellas no fosso.

— E prometteis-me em paga a liberdade?

— Na cruz da minha ordem o juro. Amanhã ao romper do dia, a caravela que commando partirá para uma ilha visinha das costas de Africa. Na passagem arribarei a Tanger, e ahí te deixarei, e com a somma que te der poderás estabelecer-te na tua patria.

— Benignamente me haveis tratado, senhor; e agora restituís-me á patria, e por tamanho beneficio unicamente exigis que eu mate um christão! . . . Pois antes da noite esse homem deixará de existir.

— Espero na tua promessa, assim como deves confiar na minha.

Depois d'esta pratica, Nunes d'Alvadro correu á praia, metteu-se n'uma barca, dirigiu-se a uma caravela que ahí estava ancorada, e deu ordem á marinagem para estar prompta a velejar.

Quando voltou a Terça Nabal recebeu de um pagem uma carta de D. Henrique.

— É a minha patente, exclamou alegre. Agora o meu triumpho está certo! Repararei o erro do acaso; e a mim pertencerá a gloria que um miseravel ia usurpar.

Entrou depois na sala do banquete, onde a familia real já se achava.

À roda da mesa via-se grande numero de habitantes de Sagres, e das povoações visinhas, admittidos á presença da familia real, como era de estylo nos banquetes de aparato n'aquellas epocas.

À entrada de Nunes a multidão desviou-se para o deixar aproximar da mesa real, e el-rei D. João muito o louvou pela descoberta reservada ao seu valor e sciencia.

— Tenciono assistir á partida da vossa caravela, lhe disse el-rei.

Em praticas d'esta natureza se terminou o banquete. Os convidados levantaram-se, e desceram a escada principal para se dirigirem aos aposentos destinados a el-rei, que ficavam no la do opposto de Terça Nabal.

No patamar da escada estava um homem es-

tirado, e Nunes d'Alvadro ficou confundido e aterrado, reconhecendo n'elle a João d'Amores.

Aquélle corpo parecia de um ebrio; respirava com custo, mas o rosto afogueado de sangue não mostrava commoção alguma.

— Quem é este homem? perguntou el-rei.

— Algum miseravel, disse Nunes. Vou mandal-o pôr fora.

Não; replicou o infante. Despertem-no: quero interrogal-o.

Varias pessoas presentes se chegaram a João d'Amores, e o abalaram com violencia por diversas vezes, sem conseguirem despertal-o.

— Senhor! disse o medico que acompanhava sempre el-rei, e examinara o caído. Este homem não está ebrio; tomou grande porção de opio, e eu sei o meio de o arrancar a tal lethargo.

— Que de prompto se faça, ordenou o infante.

Alguem do sequito do palacio disse conhecer aquélle homem, que se chamava João d'Amores, era piloto costeiro de profissão, e viera repetidas vezes ao paço para entregar uma memoria ao senhor infante, dizendo saber a derrota de uma ilha deserta, e desconhecida, onde aportara com um inglez por nome Roberto Machim.

— Que significa isto? disse o infante, voltando-se para Nunes d'Alvadro.

— Principe, que sei eu! talvez que esse homem seja marinheiro da nossa equipagem, para quem já não é segredo o fim da minha empresa!

No entanto o medico voltara com um liquido que fizera beber a João d'Amores. Este reabriu os olhos, e voltou a si. O infante dirigiu-lhe a palavra, e o piloto narrou fielmente quanto se havia passado.

— Esperava no seu quarto que o cavalleiro Nunes voltasse (disse o piloto concluindo a sua narração) quando entrou um criado moiro trazendo-me comida e vinha. Estava sequioso, e esgotei a garrafa. Passados momentos perturbou-se-me a vista, senti o sangue subir-me á cabeça, e o rosto cobrir-se de copioso suor. Conhecendo a necessidade de andar, e mesmo para pedir soccorro, pois me achava sósinho, sai ao corredor, porém a vertigem augmentou, a cabeça pesou-me de mais, e cai aqui sem sentidos.

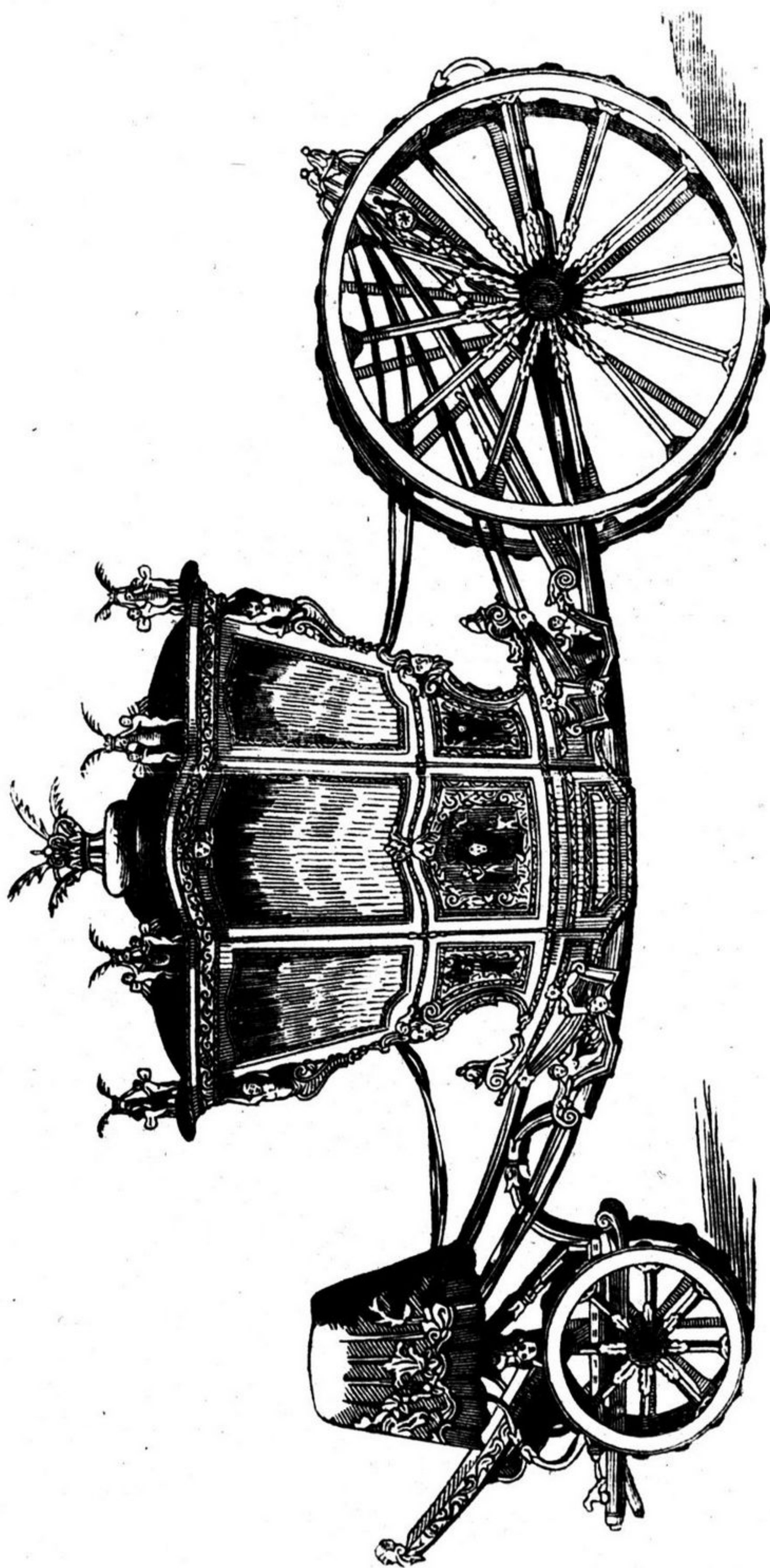
— E Nunes d'Alvadro apresentou-se-te como da minha parte?

— Sim, meu principe; e então lhe entreguei a memoria, cuja copia aqui trago com as cartas que tracei.

— Dae-me esses papeis. Esta noite dormireis em palacio, e amanhã, com o favor de Deus, averiguaremos este negocio. . . Onde está Nunes?

Ninguém sabia responder. Vendo elle descoberto o engano, aproveitara-se da confusão causada pelo accidente, e evadira-se.

D. Henrique mandou procurar o fugitivo; e a guarda das portas do palacio de Terça Nabal affirmara tel-o visto sair a cavallo, acompanhado do seu escravo moiro.



O COCHE DA CORÓA.

— Que se vá em busca d'elle, e tomem-se todas as providencias para o segurar antes da madrugada.

E ao cuidado do medico entregou a vida de João d'Amores, que desejava a todo o custo tão conservada como a sua propria.

Continua.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Continuação

XIV.

Do que succedeu pelo mez de Janeiro e Fevereiro de 1642.

Vendo os capitães mōres que a nossa armada não chegava, obrigados das vozes de alguns capitães e de outras pessoas assim ecclesiasticas como seculares, que desejavam ver o castelhana já rendido, imaginando-o com mais fraqueza e menos gente do que depois se viu, deliberaram a entral-o á escala, e como as armas que mais n'estas occasiões vencem são as da pureza da consciencia e união com Deus nosso Senhor, mandaram, um dia antes da entrada, expor o Santissimo Sacramento na santa sé do Salvador, e que os soldados, que por sua livre vontade estavam alistados para a entrada com seus capitães, se confêssassem e commungassem primeiro, como assim se fez.

Postas as coisas n'esta altura o dia á tarde, da noite que se havia de fazer este assalto, que de muitos era julgado por temerario, como assim era, mudaram os capitães mōres (por parecer de muitos) de conselho, e não teve este intento effeito, esperando chegasse a nossa armada, para que então se fizesse o que melhor fosse.

Vendo o padre Francisco Cabral, da Companhia de Jesus, a pertinacia do castelhana, e como os capitães mōres tinham cessado com os partidos, que lhe tinham offerecido, que elle não accitou, lhes pediu licença para lhe escrever uma carta, cujo theor, e resposta que o governador a ella deu, é o seguinte.

Carta do padre Francisco Cabral para o governador D. Alvaro de Viveiros.

Pouco depois que vim a esta, enviado por el-rei nosso senhor D. João, escrevi a vossa mercê com os senhores capitães mōres, procurando, pelos meios que tratámos, encaminhar á redução d'essa fortaleza sem rigores de guerra, e commodidade de vossa mercê, e seus ministros: e como se não conseguiu o effeito que pretendiamos, em cumprimento das ordens de el-rei não passei adiante. Comtudo vendo agora, que estes fidalgos tem cessado com as diligencias ordinarias em sitios semelhantes ao em que vossa mercê está, me pareceu fazer nova lem-

brança a vossa mercê, da parte de sua magestade, para que visto o estado das coisas, e aperto em que me consta está, por falta de mantimentos, e enfermidades de sua gente, trate vossa mercê de entregar essa praça, pois é de el-rei D. João, nosso senhor, feita em suas terras, e com o dinheiro de seu patrimonio; para que assim cessem maiores damnos, e vossa mercê possa sair d'esta ilha com boa passagem, que desejamos, levando em sua companhia a sua gente, e ao senhor D. Luiz de Viveiros; satisfazendo-se com ter da sua parte procedido com tanto valor e vantagem, em tempo que n'este reino e suas conquistas não ha praça que não esteja sujeita a sua magestade, que Deus guarde. E creia vossa mercê de mim, que tanto me leva a isto o serviço do dito senhor como o de Deus, e quietação de vossa mercê, e certeza que se isto se dilatar hãode succeder ruinas, que não poderei atalhar, e por não me mostrar favoravel á nossa parte não digo a vossa mercê o muito que pudera dizer, em razão d'isto. E tomei licença para remetter com a de vossa mercê a que será com esta a D. Pedro Ortis de Mello, que vossa mercê me fará permittir se lhe dê, por satisfazer a uma obrigação de que me encarreguei. Guarde Deus a vossa mercê como deseja. Angra 30 de Janeiro de 1642. — Francisco Cabral.

Resposta do governador ao padre Francisco Cabral.

Reconosco el zelo con que vuestra paternidad trata las materias contenidas en su carta. Son tales y tan graves, que no se pueden tratar por cartas, mas a boca. Trate vuestra paternidad los medios que para esto puedan haber, para que asy se disponga lo que mas conveniere a servicio de Dios e de su magestad. — Guarde nuestro Señor a vuestra paternidad. — Castello de San Filipe 31 de Enero de 1642. — Don Alvaro de Viveiros.

Em 11 de Fevereiro do mesmo anno de 1642 chegou a esta cidade de Angra Jorge de Mesquita, fidalgo da casa de sua magestade, em um navio hollandez, de que elle era capitão, e vinha em companhia da armada, que vinha de soccorro, de que era general Tristão de Mendonça. Logo ao outro dia chegou outro, de que vinha por capitão um fuão de Arcos, que deram por novas como a armada devia ser arribada, e permittisse Deus não fosse perdida. Ambos estes capitães com suas companhias, que traziam, serviram a sua magestade até o castello se render.

Era esta armada de doze embarcações, em que vinham mil e quinhentos infantes; e foi tão desgraçada (excepto estes dois navios que chegaram) que tornou a arribar, e a almiranta, em que vinha por almirante o valoroso e esforçado capitão Francisco Duarte, foi dar á costa na Lourinhã, aonde todos pereceram; e a capitanea, e general Tristão de Mendonça, foi á costa nos

areaes de Cezimbra, onde botou ferro, e o general Tristão de Mendonça com alguns fidalgos se meteu na barca e se foi para terra, onde todos pereceram: e os que ficaram na nau de tal modo trabalharam cortando-lhe os mastros, e fazendo outras diligencias, que escaparam, e fazendo-se ao mar entraram no rio de Lisboa, aonde entraram os mais navios muito destroçados, e maltratados por causa do grande temporal, porque tinham passado; o que tudo Deus nosso Senhor permittiria assim para maior gloria sua, e bem nosso, por os occultos juizos seus, que elle só sabe; porque não faltou quem disse vinha o general e governador de todas as ilhas, assim por mar como por terra, e de toda a justiça, Tristão de Mendonça ameaçando a todos, e promettendo de executar grandes e rigorosas justicas contra aquelles de quem já tinha concebido paixão pelo que uns de outros já lá tinham escripto.

Parece tambem não quiz Deus nosso Senhor tirar esta gloria e honra a quem por ella tanto tinha padecido, e diminuir-lhe os soldados, fazendo que derrotassem, com seus superiores, foi querer que com os seus poucos e mal exercitados soldados vencesse, porque toda a gloria da victoria (ficando elles mais honrados) se attribuisse a elle, como lá disse fez: *Eu sou como capitão Gideon*, na desigual guerra que com os medianitas teve, sendo os inimigos sem numero e os seus muito poucos em comparação dos inimigos. Deus nosso Senhor lh'o diminuiu ainda, dizendo que eram muitos e que assim lhe não daria victoria, dizendo: *Multus tecum est populus, non tradetur Madian in manus ejus*; e dando d'isto a razão o mesmo texto é o que temos dito: *Ne gloriatur contra me Israel et dicat meis viribus liberatus sum*. E porque tudo quer lhe attribuamos a elle; o que bem considerou S. João Chrisostomo sobre o primeiro livro dos *Reis*, capitulo dezesete, ponderando a desigualdade das armas de David para as do gigante Golias, contra quem saia a desafio, dizendo que foi: *Ut virtus Dei magis aperta videretur, et non armis sed Deo victoria tribueretur*. O mesmo podemos considerar n'este nosso presente caso e acontecimento: parece fez Deus dos nossos capitães môres o esforçado capitão Gedeon e o santo propheta David; e derrotar a armada quiz como elles com poucos e armas deseguaes vencessem, para que a elle, e não a nossas forças e industria, attribuíssemos a victoria.

XV.

Decomo o castelhano entregou o castello, e capitulações que se fizeram para a entrega d'elle.

Em 24 do mesmo mez de Fevereiro do mesmo anno de 1642 mandou o governador recado aos capitães môres que queria entregar o castello, fazendo os partidos que bem lhe estivessem. E logo assentado que dos nossos iriam para refens (em quanto se tratava das capitula-

ções) o capitão Christovão Borges da Costa, e o capitão dos aventureiros Pedro de Bettencourt; e abaixo veio o tenente João Fernandes, e o alferes D. Pedro Ortis de Mello, trazendo já por escripto capitulados por seu governador os partidos que lhe haviam de fazer, mas por virem muito fora de proposito, e de toda a razão, e tão honrosos para elles como affrontosos para nós, não os quizeram os nossos aceitar. E assim foram recados acima e tornaram outros abaixo, sem se acabar de tomar resolução. N'estes recados idas e vindas se gastaram os dias que vão de 24 de Fevereiro até 4 de Março, dia em que se atermou a entrega, debaixo das capitulações seguintes.

Titulo das capitulações, que entre o governador e capitães môres se acertaram, debaixo das quaes fez entrega do castello.

Primeiramente, que trariam consigo duas peças de bronze de seis para sete libras, e que trariam mais seis quintaes de polvora.

E que outrosim viriam todos de tropa, postos em ordem, com mosquetes ás costas, e suas forquilhas nas mãos, bala na bocca, murrão calado, e bandeira tendida.

Que trariam todo seu movel, e lhes dariam carros para isso, e para virem os doentes.

Lhe dariam navios portuguezes ou inglezes para passarem a Castella, e lhes dariam mantimentos bastantes para seu sustento na viagem, e munições necessarias para sua defensa e segurança.

Que outrosim lhe entregariam seu irmão D. Luiz de Viveiros, e todos os mais castelhanos que tinham captivos, que o quizessem acompanhar.

Que em quanto estivesse na terra lhes dariam quartel fechado, em que estivessem seguros, e livres de os poderem offender.

Capitulado o acima os seus refens se foram para cima, e os nossos se vieram para baixo, e logo os capitães maiores tomaram as casas todas que estão sobre a Prainha, na quadra que fica entre a rua de Cima e a travessa que vae debaixo para ella, pelas casas de João de Espinola, té fenecer na rua da Cruz, que está sobre o Portinho novo, aonde vae fenecer tambem a rua, que vae por cima da rocha; o que tudo brevemente mandaram cercar e tapar. E isto feito em tempo de dois dias, em uma quinta-feira 6 de Março saíram os castelhanos na forma capitulada, e assim como vieram se recolheram no dito quartel.

XVI.

Do que fez de custo esta guerra, e da gente que morreu n'ella, assim dos nossos como dos seus; tempo que durou; e de outras coisas dignas de memoria.

Certo homem muito curioso e bom caixeiro

me disse, que achou por boa conta haver-se gastado n'esta guerra, assim em trincheiras e pagas de soldados, como em outras coisas para ella necessarias, passante de cem mil crusados, os quaes todos el-rei nosso senhor D. João o IV, que Deus guarde, houve por bem gastados, e as capitulações, que com o governador se assentaram, por bem feitas. O que noto aqui por causa particular, por quanto de muitos quando se fizeram, foram vituperadas e murmuradas, tendo-as por excessivas, e não muito honrosas, propriedade da nação portugueza murmurar das acções dos seus naturaes (por mais justificadas que sejam) quando n'ellas não tem parte os que lhe parece d'isso eram merecedores.

Achou-se por lista, de quem teve curiosidade para os apontar, que morreram dos nossos n'esta guerra morte lenta cento e quarenta pessoas, e foram feridos n'ella (que não morreram das feridas) cento e vinte pouco mais ou menos. Dos castelhanos entre homens e mulheres e meninos se achou passarem os mortos de trezentos, a maior parte d'elles de doença que Deus lhes deu. No quartel, onde estiveram recolhidos, havia dia que morriam tres e quatro e cinco, e ao menos dois cada dia, porque vieram tantos e tão enfermos que os mais d'elles morreram no quartel. Poderiam sair com o governador com armas cento e trinta soldados, e d'estes ainda muitos as não podiam trazer ás costas, mas por fazer gente todo o que a podia trazer saiu com ella. Poderiam vir de todos estes perto de cem soldados muito bem dispostos e alentados, e que se tiveram que comer eram de sobejo para defenderem o castello por eternidade de tempos, muito ao contrario do que nós imaginavamos.

Tem-se por coisa certa, conforme nota de curiosos, que se dispararam da fortaleza sobre a cidade mais de seis mil balas grossas, e não fizeram perda de importancia, muito em contrario do que o castelhano cuidou, porque pareceu-lhe (conforme disse a frades nossos, que na quinta-feira de endoenças o foram visitar, e pedir que quizesse resguardar e respeitar os templos, a que elle respondeu que os bombardeiros que não tinham a mão certa) que n'aquella noite pozesse a cidade por terra, e que seus moradores lhe iriam pedir misericordia: mas succedeu tanto ao contrario que elle a pediu, ainda que tarde, e por mais não poder, obrigado do valor portuguez, que ainda no mais rude tem seus brios lusitanos.

Fecharam-se os castelhanos no castello em quinta-feira de endoenças 27 de Março do anno de 1641, e saíram d'elle em 6 de Março do anno de 1642, e assim que durou a guerra onze mezes e onze dias, e tantos estiveram fechados n'elle. Havendo cincoenta e oito annos e sete mezes e onze dias que tinha sido ganhada esta ilha por D. Alvaro Bazan, marquez de S. Cruz, em dia da gloriosa Sant'Anna, foi perdida por outro D. Alvaro de Viveiros, em dia que no porto da cidade entrou uma caravela, que ti-

nha por nome Sant'Anna, o que se teve por coisa de grande mysterio, no que parece quiz mostrar a Santa, que se em seu dia se perdeu por castigo nosso, e Deus assim o permittir, ella era a que a tornava a restaurar, por ser chegado o tempo de sua restauração, e Deus assim o querer.

Continua.

A UNS ANNOS.

Surge o dia de galas orlado!
Adornando-a os anjos de flores,
Em cortejo saudam na terra
Quem na terra é rainha de amores!

E se os anjos do Empyreo festejam
Meiga virgem, teu puro natal,
Oh! que muito será que eu saude
Quem dos anjos é digna rival!

A teus pés respeitosa homenagem
Venho audaz, em tal dia trazer
Puro affecto viaçndo de esp'rança
Uma esp'rança sorrindo ao prazer!

Virgem bella que os annos augmentas
Com mais um que te dá mais valor,
Este augmento da idade te seja
O prefacio da paz e do amor!

Que a saudade não possa invadir-te
O sacrario d'essa alma jámais,
E que prantos de magoas não chores,
E que a dôr não suffoques com ais!

Que o futuro que sonhas o alcances,
E que os zelos não venham turbar
Os thesouros de extremos que encerra
A tua alma fadada p'r'amar!

Que os domesticos gosos encontres
Tranquillos, e sempre entre os teus;
Se és a virgem mais qu'rida no mundo,
Predilecto és o anjo de Deus!

A ti pois, meiga virgem, off'reço
Um tributo do meu coração,
São p'rabens extremos... mas pobres,
Que merecem talvez um perdão,

MENDES LEAL (ANTONIO).

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos
Os dissipadores, por Alfredo Hogan. — Preço
400 réis.

Publicou-se o 2.º volume, nitidamente impresso, da obra — *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.